



Instauratio Magna

**Revista do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia da Universidade Federal do ABC**

v. 4, n. 1 (2024) • ISSN: 2763-7689

Artigo

O DISCURSO NA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR

Mário Correia

Centro Universitário Arnaldo Horácio Ferreira
(UNIFAAHF)

DOI: 10.36942/rfm.v4i1.986

Contato: mariocsj@hotmail.com

Recebido em: 13/01/2024 • **Aprovado em:** 15/10/2024

O DISCURSO NA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR

Mário Correia

—

Resumo: No percurso intelectual de Paul Ricoeur, hermenêutica e linguagem se entrecruzam. A interpretação aparece, primeiramente, em uma abordagem sobre o símbolo, passa pela metáfora e encontra no texto um guia seguro. O texto é um discurso, isto é, um acontecimento da linguagem fixado na escrita. A textualidade pressupõe uma teoria do discurso que merece ser levada em consideração. Por isso, apresentamos neste artigo a importância da teoria do discurso no pensamento hermenêutico de Paul Ricoeur. Ao mesmo tempo, o situamos no debate da hermenêutica contemporânea e provocaremos o leitor a entrar em outros assuntos desse grande filósofo de nossos tempos.

Palavras-chave: Discurso, texto, explicar, compreender.

Abstract: In Paul Ricoeur's intellectual path, hermeneutics and language intersect. The interpretation appears, first, in an approach to the symbol, passes through metaphor and finds in the text a safe guide. The text is a discourse, that is, an event of language fixed in writing. Textuality presupposes a theory of discourse that deserves to be taken into consideration. Therefore, we present in this article the importance of discourse theory in Paul Ricoeur's hermeneutic thought. At the same time, we situate him the debate of contemporary hermeneutics and will provoke the reader to enter into other subjects of this great philosopher of our times.

Keywords: Discourse, text, explain, understand.

Resumen: El la trayectoria intelectual de Paul Ricoeur, la hermenéutica y el lenguaje, se entrecruzan. La interpretación aparece, em primero lugar, en un

acercamiento al símbolo, pasa por la metáfora y encuentra en el texto una guía segura. El texto es un discurso, es un acontecimiento lingüístico fijado por escrito. Una textualidad presupone una teoría del discurso que merece ser tomada en consideración. Por ello, en este artículo presentamos la importancia de la teoría del discurso y del pensamiento hermenéutico de Paul Ricoeur. Al mismo tiempo, lo ubicamos en el debate de la hermenéutica contemporánea y provocaremos al lector a adentrarse en otros temas de este gran filósofo de nuestro tiempo.

Palabras clave: Discurso, texto, explicar, comprender.

INTRODUÇÃO

Paul Ricoeur (1913-2005) é muito conhecido por suas contribuições dadas à hermenêutica filosófica. Ele concebe a hermenêutica como um método a ser aplicado para compreender os signos humanos, entre eles, os símbolos e os textos. Ao mesmo tempo, esse método configura um modo de pensar que possui a característica de refletir indiretamente, através de mediações, em um movimento de distanciamento e crítica, de explicação e compreensão dos signos em geral (RICOEUR, 1986, p. 7;25). É desse modo que Ricoeur pertence ao movimento da hermenêutica moderna ao lado de F. Schleiermacher, W. Dilthey e seu contemporâneo H. G. Gadamer. Suas contribuições levam em conta as influências da fenomenologia husserliana e da ontologia heideggeriana. Por isso, podemos caracterizar seu pensamento como uma fenomenologia hermenêutica ou hermenêutica ontológica, tudo isso em uma plataforma comum: a linguagem.

A hermenêutica acontece no horizonte da linguagem. Desde muito cedo Ricoeur se interessou pela linguagem nas suas mais variadas formas. Licenciado em Letras, estudou línguas clássicas e teve contato com textos cânones da literatura e da religião. O contato foi bem aproveitado em sua filosofia, na qual concebe a linguagem não somente como veículo de comunicação, mas também como lugar de habitação, ou seja, um meio no qual a realidade se dá e acontece. Olhando sua trajetória intelectual, depois de se dedicar ao signo, ao símbolo e ao mito, Ricoeur se interessa pela linguagem enquanto discurso e dialoga com várias correntes linguísticas, especialmente de vieses estruturalista e analítico¹. Em seu entender, o filósofo é aquele que recebe a linguagem ordinária da vida e do mundo, toma-a como guia para acessar realidades profundas e significativas.

¹ Desenvolvemos esse assunto no artigo: Paul Ricoeur e a linguagem – uma introdução. In: *Revista Ítaca*, n. 39. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

Vamos apresentar neste artigo uma visão panorâmica da hermenêutica ricoeuriana que possui na teoria do discurso uma chave de leitura. Nessa visão, o texto tem uma centralidade garantida, é um tipo de discurso. O discurso, por sua vez, é uma grande peça da linguagem: um acontecimento que pode ser fixado na escrita. Antes do texto, Ricoeur se ocupou com o símbolo e com a metáfora, adotando, nesse momento, uma hermenêutica que decifra sentidos ocultos. Posteriormente, com a noção de discurso, sua hermenêutica torna-se teoria de operações relacionadas à interpretação do texto. Mais do que decifrar ou seguir regras, interpretar é deixar-se guiar pelo texto; é explicar e compreender um jogo em que o leitor é lançado no mundo do texto. Essa questão tem desdobramentos que não vamos abordar nesse artigo². Nos concentraremos em uma apresentação inicial e central da hermenêutica ricoeuriana.

LINGUAGEM E HERMENÊUTICA EM OPERAÇÃO

É importante mencionar as principais influências de Paul Ricoeur. Ele mesmo diz que seu pensamento se desenvolve a partir da filosofia reflexiva, da fenomenologia e da hermenêutica. Três heranças que também podem representar os principais momentos de sua trajetória intelectual (cf.

² Reportamos o leitor interessado nos desdobramentos da hermenêutica ricoeuriana a: GENTIL, Hélio Salles. *Para uma poética da modernidade. Uma aproximação à arte do romance em Temps et Récit* de Paul Ricoeur. São Paulo: Edições Loyola, 2004. HELENO, José Manuel Morgado. *Hermenêutica e ontologia em Paul Ricoeur*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. PEREIRA, Miguel Baptista. A hermenêutica da condição humana de Paul Ricoeur. In: *Revista Filosófica de Coimbra* – nº 24, ano 2003. p. 235-277. PORTOCARRERO, Maria Luisa. *Hermenêutica e fragilidade em Paul Ricoeur*. In: *Prometeus* – Ano 6, nº 12, julho-dezembro 2013. Indicamos ainda nosso artigo: Paul Ricoeur e a hermenêutica – uma introdução. In: *Poesis* – Revista de Filosofia v. 27, n. 02. Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Montes Claros-MG, 2023.

RICOEUR, 1986, p. 25). Essa tríplice ascendência ricoeuriana é fundamental para a compreensão de seu pensamento e de sua trajetória de vida. A imagem da “via longa” bem representa e diz sobre suas motivações, delimitações e inclinações. Nesse sentido, o elemento principal dessa via é a linguagem: ponto de encontro comum das investigações filosóficas e lugar de problemas mais difíceis. A linguagem é a plataforma que oferece as possibilidades de interpretação de todas as formas e manifestações da existência humana.

Ricoeur começou no cenário filosófico se dedicando a um projeto de Filosofia da Vontade, do qual resultou duas grandes obras: *O voluntário e o involuntário* (1950) e *Finitude e culpabilidade* (em dois volumes: *O homem falível* e *A simbólica do mal* – publicados em 1960). Seu objetivo foi aplicar o método fenomenológico à vontade para dar uma contribuição significativa à esfera prática, considerada por ele ainda não totalmente alcançada pelo método husserliano (RICOEUR, 1995, p.62). O resultado foi duplo: a análise eidética provou, mais uma vez, sua capacidade ímpar de descrever fenômenos humanos, mas mostrou seu limite no que diz respeito a certas realidades tangentes à falibilidade humana. Foi nessa constatação de limite que a questão do símbolo se impôs a Ricoeur, ligado especificamente ao problema do mal, uma incógnita para análise reflexiva e eidética. Desde então, sua abordagem puramente fenomenológica passa a ser também hermenêutica³.

O símbolo permitiu a Ricoeur abordar indiretamente assuntos do campo prático, fazendo uso de saberes do universo religioso e mítico. Sem fazer a etiologia dos símbolos e tampouco dos mitos, seu interesse se direciona à *função simbólica e mítica* (cf. RICOEUR, 2004, p. 171). Em outros termos, seu

³ Para o leitor interessado em fenomenologia, indicamos: MORATALLA, Tomás Domingo. ¿Es Paul Ricoeur un fenomenólogo? Entre fenomenología y hermenéutica. Escritos. Vol. 26, No. 57, julio-diciembre (2018). Confirma a nossa exposição: “*Paul Ricoeur e a fenomenologia – uma introdução*,” publicado na revista PRISMA, em julho de 2023.

interesse é pela linguagem que comunica o símbolo, que desafia o conceito e provoca a reflexão. Símbolo é, define ele, “toda estrutura de significação em que um sentido direto, primário, literal, designa, além disso, outro sentido direto, secundário, figurado, que só pode ser apreendido através do primeiro” (RICOEUR, 1969, p. 16). O símbolo é uma realidade intencional, uma linguagem que mira um duplo sentido. Por sua vez, Ricoeur considera que o mito é uma espécie de símbolo desenvolvido em forma de narrativa. O mito é, assim, “uma forma de discurso que eleva uma pretensão ao sentido e à verdade” (RICOEUR, 2016, p. 177). É preciso reintegrar a narrativa mitológica ao discurso racional, permitindo a insistência do mito (*mythos*) em mostrar sua potencialidade imaginativa de conotação ontológica.

O estudo do símbolo abriu, para Ricoeur, a amplitude do império variado dos símbolos, especialmente em suas expressões cósmicas, oníricas e poéticas. Com efeito, não existe símbolo sem um princípio de interpretação, assim como não há interpretação que não pertença ao pensamento simbólico e de duplo sentido (RICOEUR, 1970, p. 20). Assim, a abordagem do símbolo leva Ricoeur, inicialmente, a definir a hermenêutica como uma ciência de decifração do símbolo, cujo sentido literal é guiado por um segundo sentido a ser descoberto, com valor ontológico implicado. Sem ser evasivo, o símbolo une e medeia as relações entre paradoxos, e também entre o subjetivo e a realidade, mostrando a maneira pela qual nos movemos, existimos, desejamos e pensamos.

Dissemos que o mito é uma forma de discurso: um discurso simbólico, cuja estrutura pode ser explicada sem esgotar sua significação que está para além de toda explicação estrutural. O fato de conceber o mito enquanto discurso e levar em conta sua estrutura, levou Ricoeur a um debate com o estruturalismo de Ferdinand de Saussure e de seu contemporâneo Lévi-Strauss, os quais confrontou, tomando empréstimos da semântica de Émile Benveniste. Frente

ao estruturalismo que prefere a sintaxe e realiza através dela uma semiótica, Ricoeur advoga a favor do sentido já presente em uma frase e, mais ainda, em um discurso. Dessa forma, garante a análise estrutural sem enclausurá-la, pois compreende que, mais que uma relação entre signos, a linguagem é “emergência de expressividade”, é produção de enunciado significativo (cf. RICOEUR, 1969, p. 78).

É nesse momento que Ricoeur dá atenção à frase, especialmente aquelas que contém um duplo sentido: bem chamadas por ele de *enunciado metafórico*. A metáfora, inclusive, se relaciona com a frase: é um fenômeno de predicação, é criação, invenção e não mera substituição de termos nem ornamento do discurso. Uma metáfora, contudo, não existe em si mesma. O que existe é o sentido garimpado no enunciado, a novidade que ela diz acerca da realidade. A metáfora inaugura assim uma “denotação de segunda ordem” (conotação), e tem o poder “de fazer ver. [...] de fazer aparecer o discurso”, descobrindo imagens e provocando o pensamento conceitual a *pensar mais e melhor* (cf. RICOEUR, 1976, p. 58). Dessa forma podemos interpretar que, se isso aplicada ao símbolo por seu caráter de duplo sentido, também pode ser igualmente aplicado ao enunciado metafórico.

Símbolo e metáfora, embora sejam parentes, são irredutíveis entre si. Diz Ricoeur: “por um lado, há mais na metáfora que no símbolo; por outro, há mais no símbolo do que na metáfora” (RICOEUR, 1976, p. 80). Isso significa que há mais na metáfora na medida em que favorece a compreensão; por outro lado, há mais no símbolo enquanto fonte de significação. Como resultado desse confronto salutar, Ricoeur, sem abandonar o símbolo, passa de uma hermenêutica do duplo sentido para uma hermenêutica da metáfora. Não obstante, não será essa a principal característica de seu empreendimento. Há quem diga que trata-se de um percurso introdutório e que a abordagem

ricoeuriana ganha maior notoriedade quando ele se ocupa com a noção de texto (cf. GRONDIN, 2008, p. 115). Quanto a isso, estamos de acordo e pretendemos evidenciar o plano de fundo da questão, isto é, a teoria do discurso.

O *enunciado metafórico* aparece em vários tipos de discursos como, por exemplo, na retórica e na poética. A *retórica*, a arte de argumentar, é a disciplina mais antiga de uso da linguagem enquanto discurso e permanece em voga até hoje. A *poética* pode confundir-se com a retórica, mas sua diferença consiste em ser construtora de intrigas (*mythos*) para expandir a imaginação individual e coletiva. Ocupando-se mais com a *poética* do que com a *retórica*, Ricoeur chama a atenção para o *mythos* que metaforiza e a *mimesis* que redescreve. A junção de ambos é obra de toda poesia, sendo mais facilmente manifestada naquela em que o *mythos* toma forma de discurso narrativo e a *mimesis* redescreve o *agir* humano. Estamos falando do discurso narrativo, bem apresentado em *Temps et récit* (1983-1985). O discurso narrativo é coerente, possui uma linha condutora e seu conjunto mostra-se completo, um enredo de elementos heterogêneos. Com o discurso narrativo, Ricoeur preserva a amplitude, a diversidade e a irredutibilidade da linguagem. Mostra ainda que todo enredo está vinculado ao tempo e mesmo os enredos de ficção possuem validade. Além disso, assegura que a vida humana é potencialmente narrativa, estando sempre em busca de narrador.

A partir do discurso narrativo, Ricoeur deu especial atenção à noção de texto (discurso fixado). É nessa ocupação que o filósofo amplia sua concepção hermenêutica e a assume como a “teoria das operações de compreensão relacionadas com a interpretação dos textos” (RICOEUR, 1986, p. 75). Mas, o que são textos? Por hora, dizemos: tudo aquilo que é suscetível de compreensão. Agora, para Ricoeur, a noção de texto relaciona-se com o

discurso ou, precisamente, com uma teoria do discurso. Neste caso, a noção de texto está dentro da teoria do discurso que favorece uma visão muito mais ampla da linguagem do que aquela proposta pelo estruturalismo e outras linhas afins. Nesse contexto, faz-se necessário definir o que é o discurso. Vejamos uma passagem significativa de nosso autor:

O que é o discurso? [...] O discurso é um evento da linguagem. Se o signo (fonológico ou lexical) é a unidade básica da linguagem, a frase é a unidade básica do discurso. Por conseguinte, é a linguística da frase que sustenta a teoria do discurso como um acontecimento. Recordarei quatro características dessa linguística da frase, que me ajudaram a elaborar a hermenêutica do acontecimento e do discurso. Primeiro traço: o discurso é sempre realizado temporalmente e em um presente [...]. Segundo traço: enquanto a linguagem carece de sujeito [...] o discurso remete a quem o pronuncia por meio de indicadores, tal como os pronomes pessoais. [...] Terceiro traço: [...] o discurso é sempre sobre alguma coisa. Refere-se a um mundo que pretende descrever, expressar, representar. [...] Quarto traço: [...] o discurso tem, não somente um mundo, mas um outro, um interlocutor a quem se dirige (RICOEUR, 1986, p. 184).

O discurso é um acontecimento temporal ligado a um agente que enuncia um assunto, direcionado a alguém. É bem representado na fórmula: *alguém diz algo para alguém sobre alguma coisa*. Segundo Ricoeur, o discurso reforça o lugar da palavra enquanto realidade polissêmica, heterogênea e individual; derivada de um sistema que se dá em ato e, cujo contexto, decide seus vários empregos. Tomada enquanto signo lexical, a palavra é uma realidade virtual, diferente da frase que é atual: enquanto genuíno acontecimento do ato de falar. Ora, a frase não é uma mera soma de palavras, tampouco “uma palavra mais ampla ou mais complexa. É uma nova entidade. [...] Uma frase é um todo irreduzível à soma das suas partes” (RICOEUR, 1976, p. 19). Se a análise da palavra pode ser mais formal e ocupa-se com a dissociação da língua enquanto partes constitutivas (semiótica), a abordagem da frase refere-se imediatamente à noção de sentido (semântica). É justamente com a semântica que a hermenêutica ricoeuriana

alarga sua operação para além dos signos, tornando-se cada vez mais uma disciplina que opera sobre textos.

A teoria do discurso esclarece a noção de texto enquanto enfrenta um debate com a chamada tradição romântica da hermenêutica. Tal tradição reduz a interpretação a uma área da compreensão e torna o texto um mero instrumento de comunicação. Os interlocutores de Ricoeur neste debate são Schleiermacher e Dilthey, que estão entre os precursores da hermenêutica contemporânea (DILTHEY, 2010). É comum, entre eles, a ideia de que a compreensão de uma obra só é possível a partir da intenção de seu autor. A compreensão então, se daria no modo de diálogo entre o leitor e o autor, sendo o texto um mero instrumento de comunicação. Ricoeur toma essa compreensão como romântica e rejeita também a noção de que a interpretação seria somente uma parte da compreensão.

Para nosso autor, a posição do texto, em decorrência de sua função, é outra; qual seja: fixar o discurso que é um evento da linguagem, dotado de significação (cf. RICOEUR, 1976, p. 20). O discurso, então, segue a dialética do evento e da significação, realizando a passagem da relação fala-audição à relação escrita-leitura. Enquanto evento, além da vinculação temporal, também consiste no fato de que quando alguém fala, ao se exprimir, faz discurso a respeito de algo. Quanto à significação, essa varia conforme a modalidade de discurso e sua interpretação, ganhando mais espaço quando se inscreve na escrita, pois favorece os paradigmas do distanciamento e da apropriação (cf. RICOEUR, 2013, p. 52). Podemos dizer isso de outro modo: no discurso, *alguém fala algo a outro alguém* que faz interpretação simultânea, havendo possibilidade de diálogo entre esses interlocutores (relação fala e audição). Diferentemente, quando o discurso é fixado na escrita, o que muda, não há apenas o meio; a situação também é outra, pois a interlocução não é

mais possível. O diálogo foi interrompido e o leitor não possui outra realidade senão o texto.

A escrita quando toma o lugar da fala, no entender de Ricoeur, liberta-se da intenção mental de seu autor, ganha autonomia uma vez que esse autor não está mais disponível para ser interrogado. Em contrapartida, a captação de seu sentido torna-se uma tarefa mais exigente. Quando falamos, normalmente nos dirigimos a alguém em específico. O texto escrito, contudo, é *potencialmente* dirigido a um leitor desconhecido (ou a quem quer que saiba ler). Dessa forma, a escrita, libertada da situação face a face, inaugura um mundo próprio e torna-se objeto privilegiado da atividade hermenêutica. Aparece o *distanciamento*, isto é, a separação temporal, cultural e geográfica entre escritor e leitor. Mas também aparece a *apropriação* relacionada ao momento da leitura no que se refere à posição do leitor frente ao texto, mas também sua repercussão no mundo da vida. Inscreve-se ainda, nesse quadro, questões importantes, como a da mensagem e a da referência. Ora, no discurso falado, o critério de referência é facilitado pela situação comum entre os interlocutores e utiliza indicação gestual. No caso da escrita, a situação é diversa, porque a referência é suspensa e aparecem mundos, possíveis, não apenas uma situação. Mundo, nesse caso, é o conjunto de referências desvendadas no próprio texto, que faz o leitor habitar e se projetar (cf. RICOEUR, 2013, p. 52). É nesse novo mundo que a mensagem será dada, explicada e compreendida, enquanto isso, quem explica e compreende, explica-se e compreende-se cada vez mais e melhor.

Com efeito, no mundo do texto se dá a dialética do explicar e compreender, elementos da hermenêutica diltheiana que são colocados aqui como complementares. A hermenêutica psicológica concebe que a explicação tem seu campo de atuação nas ciências da natureza, enquanto a compreensão

estaria do lado das ciências humanas, havendo aí a possibilidade de interpretação. Ricoeur, ao invés disso, coloca a explicação e a compreensão como processos da interpretação de um texto, de modo que, ao lê-lo, se busca não somente a compreensão, como também explicação e vice-versa. Enquanto a compreensão se dá no interior do texto se dirigindo a unidade intencional, a explicação se dá em sua exterioridade visando a estrutura analítica. Segue-se, então, uma dinâmica que vai da compreensão à explicação e vice-versa, em um movimento interpretativo sobre o texto, que transborda, na medida em que é capaz de criar mundos a serem explicados, compreendidos e habitados (cf. RICOEUR, 1976, p. 20). Explicar e compreender, portanto, são duas perspectivas que se cruzam sem cessar e é importante não as separar, pois a interpretação se dá como alternância entre uma e outra, numa circularidade salutar de um “arco hermenêutico”.

Junto à dialética da explicação e compressão está a dialética do distanciamento e apropriação, através da qual Ricoeur se aproxima e se diferencia de Gadamer. Antes, vale lembrar que na hermenêutica gadameriana a interpretação se dá em um processo dialógico, reabilitando as noções de preconceito, tradição e autoridade na interpretação, em esteira heideggeriana (RICOEUR, 2013, p. 47; GADAMER, 1999). É importante para Gadamer a noção de consciência histórica, uma vez que estamos sempre situados na história. Em relação a esse ponto, estão outros conceitos relevantes, como distanciamento, fusão de horizontes e aplicação, que Ricoeur recolherá para compor sua versão hermenêutica, preferindo chamar esse último de apropriação. Se, para Gadamer, o distanciamento é produtivo por eliminar erros e permitir liberação de significados, para Ricoeur a distância temporal é produtiva por situar o discurso no tempo, inscrevê-lo numa obra e situá-lo em uma referência constitutiva (cf. RICOEUR, 1976, p. 103). São essas, na verdade, três formas de distanciamento que exigem a dialética

explicação-compreensão, e não a eliminação da distância, como sugere o pensamento gadameriano. Para isso, Ricoeur se propõe a ultrapassar a alternativa verdade *ou* método, preservar o aspecto metodológico, sem renunciar à densidade ontológica da realidade estudada (RICOEUR, 2013, p. 51). Ele faz isso mediante a assunção do texto como paradigma de distanciamento, que revela a historicidade da experiência humana, na e pela distância.

O texto é discurso, como já sabemos; enquanto tal, é dialética de fala e de escrita, é obra estruturada. Completa a tríade discurso-obra-escrita a noção de mundo do texto, “centro de gravidade da questão hermenêutica” (RICOEUR, 2013, p. 53). É nesse fator terminal, e não no início como quer a hermenêutica romântica, que encontramos a questão da compreensão de si. E é nesse ponto que reencontramos as noções gadamerianas de fusão de horizontes e de aplicação (apropriação). A apropriação, diz respeito à posição do leitor frente ao mundo do texto, o modo de trazer para si um ou os vários mundos que o texto desvela. Ligada ao distanciamento típico da escrita, “a apropriação é exatamente o contrário da contemporaneidade e da congenitalidade: é compreensão pela distância, compreensão à distância” (RICOEUR, 2013, p. 67). Há a apropriação ligada à noção objetiva de obra que implica uma estrutura, não do autor, mas do texto, indicando que a explicação é via necessária para a compreensão ou que a compreensão não se dá por intuição imediata, mas por mediação do texto e dos signos humanos presentes nas obras da cultura.

O texto é, portanto, mediação pela qual compreendemos a nós mesmos. É ele, e não o diálogo, que cria, instaura e institui o face-a-face, insinuando que “a hermenêutica começa onde o diálogo acaba” (RICOEUR, 1976, p. 43). Exatamente por isso, interpretar não é compreender e apropriar a intenção do

autor. É compreender, explicar e se apropriar do sentido do próprio *texto*. O sentido que *não está atrás do texto* como uma intenção oculta, mas diante dele, desvendando, descobrindo e revelando mundos. É aqui que acontece a “fusão de horizontes” – do leitor e do mundo do texto – sendo que o leitor precisa perder-se para reencontrar-se no horizonte da obra discursiva. Quer dizer, o leitor não impõe ao texto suas predisposições, mas se expõe a ele para receber um *si* amplo, dilatado pelo mundo do texto (Cf. RICOEUR, 2013, p. 67). Para se expor ao texto, é preciso a suspensão da subjetividade, o desapego de si, um perder-se para se encontrar nas variações imaginativas, trocando o “eu, *mestre* de si mesmo, pelo *si*, discípulo do texto” (RICOEUR, 1986, p. 54). Assim, interpretar é entrar no mundo do texto, explicá-lo a partir da distância temporal e compreendê-lo num movimento de apropriação, em um jogo no qual o leitor é lançado nas potencialidades internas e externas de um texto.

Uma pergunta marginal que, para muitos, pode ser capital é: como fica a situação do autor nessa teoria de Paul Ricoeur? Uma resposta rápida seria que, ao renunciar a captação da intenção do autor, também é contemplada a renúncia do autor empírico. Não se trata de sacrificá-lo, mas considerar melhor os outros polos a ele referidos, como o texto e o leitor. São esses polos aquilo o que mais interessa à hermenêutica ricoeuriana que, em seu esboço final, lança luzes a um novo autor: o leitor que traduzirá no seu mundo, por meio de palavras e ações, os efeitos de sua leitura. O autor do texto continua a ser valorizado na medida em que favoreceu o acesso ao “mundo do texto”. Mas, não será ele a dizer o sentido do texto, uma vez que este não mais lhe pertence. Isso não significa, contudo, abrir margens às arbitrariedades interpretativas. Um texto é um todo, uma totalidade que é melhor interpretada se levarmos em conta as suas partes, em um processo acumulativo e holístico (cf. RICOEUR, 1986, p. 200). Mas, o texto aberto à interpretação tem seus limites. Por isso, em um dado momento, é preciso que os leitores confrontem as interpretações

e cheguem à posição mais apropriada possível. Esse confronto se dá por via da dialética explicar e compreender.

É fato que na hermenêutica ricoeuriana a noção de texto tem um papel condutor. A partir dela, Ricoeur fez os mesmos movimentos em dois outros campos, o da ação e da história (RICOEUR, 1986, p. 137-280)⁴. Isto é, Ricoeur aplica nesses campos a dialética “compreender e explicar” levando em conta o par “distanciamento e apropriação”. Antes, recordamos que todas essas operações são possíveis graças à teoria do discurso, essa ocorrência da linguagem com significação. Portanto, a noção de texto pressupõe a teoria do discurso que implica uma atividade sintética e articula-se a um sujeito discursivo. Existe, como mostramos, os discursos oral e escrito; a passagem do oral para o escrito inaugura o campo interpretativo, pressupondo a autonomia do texto e seu desprendimento da intenção do autor. Com isso, a referência ostensiva do mundo do face-a-face é suspensa e abre-se a referência da literalidade, disponível a quem saiba ler e esteja disposto à aventura textual. A ideia de texto traz ainda o problema de sua composição que faz do texto uma obra, com regras específicas, diferente das regras da palavra e da frase, provocando mais ainda a necessidade de uma interpretação da estrutura, seu mundo de significação e o mundo do leitor.

Reiteramos: a hermenêutica ricoeuriana é baseada na noção de texto que, por sua vez, se funda em uma teoria do discurso. Destacamos, ainda, que o mundo do texto reforça o papel da linguagem, especialmente seu estatuto literário

⁴ Sobre o campo da ação, temos em mente a filosofia prática ricoeuriana que vai desde a análise fenomenológica e linguística do ato, passando por sua significação e referência ético/moral/jurídico/política, até suas implicações ontológicas. Quanto ao campo da história, temos em conta a teoria narrativa e todo o seu desdobramento, em diversos níveis. Tratamos um pouco de ambos os campos em nossas pesquisas de mestrado e doutorado, publicadas como: *Sujeito e tempo em Paul Ricoeur: fenomenologia, poética e hermenêutica da subjetividade*. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2020. *Identidade e Relação: incidências ontológicas da filosofia de si em Paul Ricoeur*. São Paulo: Dialética, 2024.

com o potencial de descobrir e transformar a realidade. A linguagem literária nos remete à *invenção semântica* própria da poética, sendo peculiar da metáfora e da intriga que compõem um texto narrativo. Com isso, a linguagem literária que já é distinta da linguagem comum, expande-se para o mundo e maximiza a referencialidade, provando que a linguagem não tem um fim em si mesma, nem se fecha à sua estrutura, como propõe o estruturalismo e teorias afins. Num texto poético (narrativo), cabe à linguagem uma tríplice função: oferecer a realidade (o discurso), configurá-la em texto e refigurar a existência do leitor. A fusão de mundos (do texto e do leitor) acontece num horizonte de temporalidade no qual as aporéticas do tempo são resultantes de abordagens paradoxais e recebem como réplica uma poética que sintetiza e associa acontecimentos num relato unificado. Quem realiza essa operação? O leitor, tal qual mediador, intérprete, hermeneuta de si e do mundo que o cerca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições dadas por Paul Ricoeur à hermenêutica filosófica, tornam a interpretação não somente um método, mas também um modo de pensar, de se fazer filosofia. Para Ricoeur, a filosofia começa no plano da linguagem e a reflexão não mais coincide com a intuição, pois é movimento de desvio pelo roteiro dos signos existentes no mundo. A ocupação com a linguagem e sua necessidade de interpretação, faz Ricoeur tomar parte nos grandes movimentos hermenêuticos e se posicionar frente a eles criticamente. Pelo fato de a hermenêutica possuir uma relação privilegiada com as questões de linguagem, a interpretação precisa levar em conta o caráter polissêmico das palavras, o contexto no qual elas foram proferidas, seu locutor/autor e ouvinte/leitor determinado. Esses elementos não devem enclausurar ou determinar as significações de um discurso, especialmente aqueles fixados pela escrita.

A teoria do discurso é ampla e concisa. Num quadro geral, ela pode ser a característica principal da filosofia ricoeuriana e quiçá ocupe lugar central em toda a sua produção intelectual, sendo seu núcleo. A partir da teoria do discurso, Ricoeur aborda os diversos problemas, questões e situações que lhe são apresentados. Por isso, faz sentido defender sua importância, pois o lugar ou o papel da linguagem em nosso autor é fundamental, como apontamos⁵. E uma vez que o sistema da língua é realidade virtual e atemporal, ele se torna efetivamente real à medida em que é atualizado pelo discurso. Assim, ao passo que o discurso se encarrega de agregar – ou pelo ao menos favorecer – as expressões linguísticas, também possibilita seu aparecimento, a começar pelos mais básicos, como o signo, o símbolo, a frase...

Um discurso supõe interpretação. Interpretar é explicar e compreender, e vice-versa. Ricoeur tem um mote que diz: “explicar mais para compreender melhor” (RICOEUR, 1983, p. 12). Quem realiza essa operação é o leitor que, do lugar em que está, toma uma obra literária autônoma, recontextualiza-a e apropria-se de seus significados. No fundo, esse movimento contempla uma pretensão existencial da hermenêutica ricoeuriana que diz: explica para melhor compreender; compreende, para melhor se explicar. Nesse movimento, a hermenêutica forja uma dialética entre textualidade e subjetividade que é tema para outro artigo. É por isso que a hermenêutica ricoeuriana é chamada por ele sua obra magna de *herméneutique du soi* (hermenêutica de si) (RICOEUR, 1990, p. 27). Quer dizer: para além de decifrar o duplo sentido do símbolo e trabalhar sobre textos, a hermenêutica nos ajuda a explicar para melhor compreender; compreender, para melhor explicar.

⁵ Vale conferir: BARROS DE OLIVEIRA, Rafael. *Entre philosophie et linguistique: autour de 'Philosophie et langage' de Paul Ricœur*. Études Ricoëuriennes, vol. 11, n. 1. 2020. Veja também o artigo “Paul Ricoeur e a linguagem”, que publicamos na revista Guairacá, em 2023.

REFERÊNCIAS

BARROS DE OLIVEIRA, Rafael. “Entre philosophie et linguistique: autour de ‘Philosophie et langage’ de Paul Ricoeur”. **Études Ricoëuriennes**, v. 11, n. 1, 2020.

CORREIA, Mário. “Paul Ricoeur e a hermenêutica – uma introdução”. **Poiesis – Revista de Filosofia**, v. 27, n. 02, 2023.

CORREIA, Mário. “Paul Ricoeur e a linguagem – uma introdução”. **Guairacá Revista de Filosofia**, v. 38, n. 2, 2023.

DILTHEY, Wilhelem. “O surgimento da hermenêutica”. **Numen**, v. 2, n. 1, 2010.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. Petrópolis : Vozes, 1999.

GENTIL, Hélio Salles. **Para uma poética da modernidade. Uma aproximação à arte do romance em Temps et Récit de Paul Ricoeur**. São Paulo : Edições Loyola, 2004.

GRONDIN, Jean. **Qué es la hermenéutica?** Barcelona : Herder, 2008.

HELENO, José Manuel Morgado. **Hermenêutica e ontologia em Paul Ricoeur**. Lisboa : Instituto Piaget, 200.

MORATALLA, Tomás Domingo. “¿Es Paul Ricoeur un fenomenólogo? Entre fenomenología y hermenêutica”. **Escritos**, v. 26, n. 57, 2018.

PEREIRA, Miguel Baptista. “A hermenêutica da condição humana de Paul Ricoeur”. **Revista Filosófica de Coimbra**, n. 24, 2003.

PORTOCARRERO, Maria Luisa. "Hermenêutica e fragilidade em Paul Ricoeur".

Prometeus, a. 6, n. 12, 2013.

RICOEUR, Paul. "Autobiografia intelectual". **Da metafísica à moral**. Lisboa : Instituto Piaget, 1997.

RICOEUR, Paul. **Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II**. Paris : Le Seuil, 1986.

RICOEUR, Paul. **Finitud y culpabilidad. Livro II: La simbólica del mal**. Madrid : Trotta, 2004

RICOEUR, Paul. **Freud: uma interpretación de la cultura**. Ciudad de México : Siglo XXI, 1970

RICOEUR, Paul. **Hermenêutica e ideologias**. Petrópolis-RJ : Vozes, 2013.

RICOEUR, Paul. **Le conflit des interprétations. Essais d'herméneutique**. Seuil : Paris, 1969.

RICOEUR, Paul. "O mito". **Escritos e Conferências, 3: antropologia filosófica**. São Paulo : Loyola, 2016.

RICOEUR, Paul. **Soi-même comme un autre**. Paris : Seuil, 1990.

RICOEUR, Paul. **Temps et récit. Tomo 1**. Paris : Seuil, 1983

RICOEUR, Paul. "Teoria da Interpretação". **O discurso e o excesso de significação**. Porto : Edições 70, 1976.